

Concertos de Domingo

Orquestra Gulbenkian
Rui Pinheiro



07 abr 24

07 abr 24 DOMINGO 12:00 / 16:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Rui Pinheiro Maestro

Vera Dias Apresentação

LEUCEMIA: UMA HISTÓRIA POR DESCOBRIR *

Vera Martins

c. 5 min.

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia n.º 40, em Sol menor, K. 550

(1.º andamento – *Molto allegro*)

c. 8 min.

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92

(2.º andamento – *Allegretto*)

c. 9 min.

Johannes Brahms

Sinfonia n.º 2, em Ré maior, op. 73

(3.º andamento – *Allegretto grazioso*)

c. 5 min.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Sinfonia n.º 5, em Mi menor, op. 64

(*Finale*)

c. 12 min.

* Com a colaboração
do Instituto Gulbenkian de Ciência

Nos Concertos de Domingo,
investigadores do IGC falam
sobre relações entre ciência e música.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades – e as tecnologias. E, cada vez mais, a popularidade de uma obra artística passa também por esta relação delicada. No caso da música, a sua capacidade de gerar uma resposta emocional é muitas vezes utilizada como meio para aproximar as pessoas da frieza de circuitos elétricos e mecânicos. Na década de 90, quando os telemóveis se disseminaram, as marcas começaram a explorar as possibilidades de tornar os objetos mais personalizados e originais. Uma das inovações passou pela inclusão de toques que replicavam melodias reconhecíveis de imediato; um deles – tendo-se então tornado omnipresente em qualquer espaço público – reproduzia uma versão maquinal da melodia do primeiro andamento da Sinfonia n.º 40 de Mozart. O facto desta sinfonia ter sido chamada para o menu de toques disponíveis nos telemóveis de então dizia muito, no fundo, da enorme popularidade da peça e do tom sumptuoso daquela que, para a *BBC Music Magazine*, é uma das 20 melhores sinfonias de todos os tempos.

Alguns anos antes de o telefone ser sonhado, Beethoven criou uma peça para ser interpretada por uma das fabricações do inventor Johann Mälzel. Chegado a Viena em 1792, Mälzel ganharia fama internacional ao inventar uma série de mecanismos musicais (um deles, muito útil até hoje, é o metrónomo). Para o chamado “panharmonicon”, uma máquina capaz de imitar os sons de uma orquestra, o inventor encomendou a Beethoven uma peça que pudesse

mostrar as qualidades do seu invento, tendo o compositor alemão respondido com *A Vitória de Wellington*. A peça aludia ao sucesso dos aliados ingleses, portugueses e espanhóis frente a Napoleão Bonaparte e estrearia no mesmo concerto em que se escutou pela primeira vez a Sinfonia n.º 7, cujo tom majestoso e triunfal se acredita ser sido inspirado pelo mesmo episódio histórico.

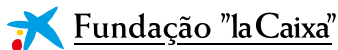
Também a Sinfonia n.º 5 de Tchaikovsky acabaria por ficar ligada ao imaginário de grandes batalhas, mas, neste caso, de modo involuntário. Tendo-a composto a pensar num encontro com o destino, o compositor russo não poderia imaginar – tal como Mozart não anteciparia o quanto a sua obra viria a ser, muito depois, um exemplo perfeito de como a arte invade o quotidiano – que a sua grandiosidade orquestral se tornaria um recurso frequente no cinema, dotando de espetacularidade as cenas de outras grandes contendidas militares.

O uso e as interpretações que cada obra suscitará não cabem, naturalmente, ao compositor. Brahms, por exemplo, dizia-se “uma pessoa profundamente melancólica”, justificando as subtilezas que espalhou pela partitura da Sinfonia n.º 2, como se plantasse uma ou outra ameaça a qualquer forma de paraíso. Muitas das vezes, no entanto, essas subtilezas ficam mais disfarçadas e aquilo que se ouve é uma maior leveza e luminosidade. No fundo, as obras transcendem os seus autores e ganham vidas que não se podem antecipar.

Rui Pinheiro Foi Maestro Titular da Orquestra Clássica do Sul (agora Orquestra do Algarve) entre 2015 e 2022 e, durante três edições, Diretor Artístico do Festival Internacional de Música do Algarve. Foi Maestro Associado da Orquestra Sinfónica de Bournemouth (Reino Unido), entre 2010 e 2012. Foi também Maestro da Orquestra do Conservatório Nacional de Lisboa (2005-2008) e, em Londres, Diretor Musical do Ensemble Serse, companhia de ópera barroca em instrumentos de época, e fundador do Ensemble Disquiet, agrupamento dedicado à divulgação da música contemporânea portuguesa (2008-2010). É regularmente convidado a dirigir as principais orquestras nacionais (Sinfónica Portuguesa, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Gulbenkian, Filarmonia das Beiras, Orquestra do Norte, Orquestra Clássica da Madeira, entre outras). Tem uma relação de estreita colaboração com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e a AREPO – Ópera e Artes Contemporâneas. Dirige um vasto repertório, desde o período Barroco até à música moderna e desde grupos de câmara até formações sinfónicas, com incursões na ópera, no ballet e no teatro. Ministrou *masterclasses* de direção de orquestra no Centro Superior Katarina Gurska (Madrid) e no Conservatório Superior de Música de Aragão (Saragoça). Depois de concluir a Licenciatura em Piano (ESMAE), uma pós-graduação em Piano e Música de Câmara (Academia Ferenc Liszt de Budapeste) e o Mestrado em Artes Musicais (Universidade Nova de Lisboa), obteve o grau de Mestre em Direção de Orquestra (*Master of Music*) do Royal College of Music, em Londres.

Orquestra Gulbenkian Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente, no início constituído apenas por doze elementos e designado Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser pontualmente expandido de acordo com os programas de concerto. Em cada temporada, apresenta-se regularmente no Grande Auditório, em colaboração com os maiores nomes do mundo da música, maestros e solistas. Atua também em diversas localidades do país, cumprindo uma importante função descentralizadora. Ao longo dos anos, foi ampliando a sua atividade internacional, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o seu nome encontra-se associado às editoras Philips, DG, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais. O atual Maestro Titular é o finlandês Hannu Lintu, associado às editoras Philips, DG, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais. O atual Maestro Titular é o finlandês Hannu Lintu.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

GULBENKIAN.PT